ALBERTO RANGEL

A BACIA DO MAR DOCE

12

SPVEA

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

ALBERTO RANGEL

A BACIA DO MAR DOCE

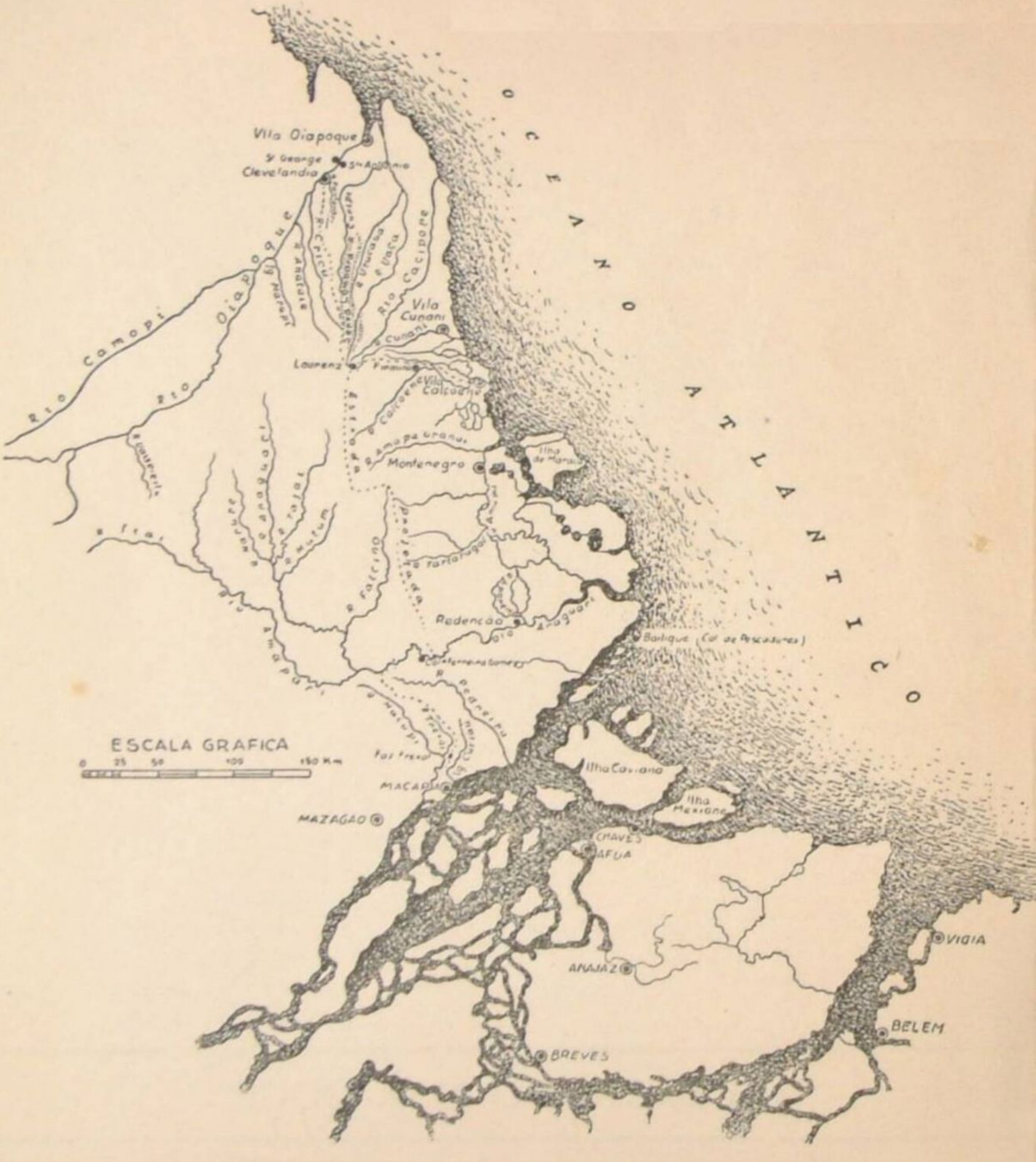
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO
AGÊNCIA DA SPVEA
Av. Franklin Roosevelt, 39 (S. 814)
RIO DE JANEIRO

DO MESMO AUTOR:

FORA DE FORMA — 1900 (Esgotado)
INFERNO VERDE — 1908 (Quarta edição)
SOMBRAS NAGUA — 1913
QUINZENAS DE CAMPO E GUERRA — 1915
D. PEDRO I E A MARQUESA DE SANTOS — 1916 (Segunda edição)
QUANDO O BRASIL AMANHECIA — 1919
LIVRO DE FIGURAS — 1921
LUME E CINZA — 1924
TEXTOS E PRETEXTOS — 1927
PAPEIS PINTADOS — 1928
FURA MUNDO — 1930

No prélo:
GASTÃO DE ORLÉANS

A BACIA DO MAR DOCE



Região costeira da foz do Amazonas e suas vizinhanças

In "Fronteiras Amazonicas" — LIMA FIGUEIREDO

Rápido exame dos relevos da terra, no mapa físico da América do Sul, desperta imediatamente a atenção para a colossal baixada, onde, com o aspecto ordenado das nervuras no limbo de uma fôlha, se apresenta o rio Amazonas e sua rêde adjacente e radiciforme de afluentes: — a mais abundante das bacias fluviais do mundo. Como que se interrompe o maciço continental com a fauna anfíbia e a vegetação de angiospermos, tôdas permanecentes em traços de semelhança familiar às que se atolavam nas vasas do período neozóico.

É, na verdade, um dos poucos espetáculos que ainda restam no mundo, dando-nos a revivescência dos antigos dramas da formação diluvial da terra. Agassiz contou-nos a sua história problemática e das mais pujantes — uma criação de Hesiodo com tinturas geognósticas de Elias Beaumont. O canal que cindira o bloco sul-americano fechara-se nas bôcas, formando bôlsa enorme, de que se fôra escapando o líquido na barragem este, carcomido por fim o arenito da serra de Parintins, para o despejo de hoje, no delta falso dos campos marajoaras. O suíço-americano, pensativo entre os blocos de grés amarelado da serra do Ererê, leu estrias de geleiras nessa terra de fogo e constitui as hipóteses glaciárias com a precipitação entrecortada de pasmo, que hoje as sacrifica um pouco. Mas, no limiar desta exposição, seja-nos lícito levantar à sua memória honrada o sincero preito que merece o amigo do Brasil, cujo desinterêsse e cultura continuaram a acentuar para a nossa terra a era fecunda das investigações do cientificismo sem charlatanismo e sem ódios.

A circunstância geográfica singular do rio Amazonas é acompanhar a linha leste e oeste, sob as latitudes próximas de zero; embora o paralelismo seja obtido à fôrça de boa-vontade de geógrafos, pois que êsse rio se afasta do equador num arco, cuja ordenada máxima deve andar por perto de cem léguas.

A faixa extremo norte e aluviônica do nosso país compreende-se entre a bôca do Gurupi e o cabo de Orange, moldando-se ao longo das cristas, ao norte das serranias guianaenses e pelos pendores das vertentes em que vão morrendo, ao sul, as terras do maciço central, até esbarrar com a serra de Contamana, o Javari e as linhas geodésicas que cortam ao meio as bacias do Putumaio e Japurá.

A divisão política do vale amazônico obedeceu espontâneamente à distinção do aspecto da terra. A parte baixa da bacia, até onde se deixa de sentir a pulsação diária das marés, pertence a uma divisão territorial e à outra, a parte oriental, a montante. São ambas região literalmente selvática e lá devem estar de sentinela as náiades de Martius. Os campos do Rio Branco, do Trombetas e os "mondongos" de Marajó são três manchas de nada. Por felicidade não a fêz deserto a disposição das correntes fluviais, cujo sistema é um verdadeiro tecido de artérias, — rios, furos, igarapés, e paranás e torna possível, em todos os sentidos, o devassamento e a exploração industrial, desde o oceano até os confins inóspitos do vale. Ainda no conjunto de maravilha hidrográfica os lagos inumeráveis servem às garças plácidas, aos peixes vorazes e bem assim à providencial compensação hidrostática, que evita os maiores danos nos derramamentos anuais das cheias e represam o pirarucu, utilizado na salga para resolver, com a mandioca ralada e torrefata, o problema da alimentação possível e mais pronta.

Referimo-nos ao prodígio da mata grossa; ela domina e colabora na umidade reinante, que serve para aumentar a sensação do calor e precipitar as chuvas do capítulo VII do Gênesis, oferecendo aos habitantes resistências múltiplas de vida e diáteses inevitáveis de morte. Realmente nessa região nem tudo é benigno e aproveitável. Embaraça muito com os cipós e sapopemas, e acoita tôdas as penas do Purgatório. Cobre-a uma sociedade arbórea em que parece predominarem indivíduos completamente estranhos ao mundo da clorofila e da célula vegetal, dos corpulentos coatás aos minúsculos meruins. Porque a sua agressão de paliçadas verdejantes não é tão passiva, como se poderia supor à primeira vista, mas ativa-se

com a legião volante de animais e de animálculos a seu serviço. Nela investe contra o gado a suçuarana e contra o homem o anofelídeo. Mesmo a constituição botânica da floresta é apenas uma aparência de substância industrial espêssa e com excessivo valor. A primeira viga, que se talhe na primeira árvore, só por acaso será de madeira real para o solo ou para o ar. Os lenhos prestadios são raros na preamar vegetativa. É qual oceano de águas pobres, com algumas ilhas de coral e uns bancos de pérolas, de permeio.

A itaúba, a piranheira e o acapu, cuja rijeza de cerne se eterniza na corrupção breve de todo o orgânico, a punã, preferida para a grelha das fornalhas, por exemplo, não formam o embastecido dos pinheiros paranaenses nas reboladas no planalto ou o do espinheiral, requeimado e infindável do Cariri velho. Para se construir a habitação, derrubando as ingaranas e taxizeiros ordinários do local, têm-se que ir buscar muitas vêzes quatro esteios próprios a um dia de viagem, gastando outro tanto ao palhal mais próximo, para conseguir a cobertura... Na seara do Booz amazônico, o que tomba no corte é mais joio do que trigo. Contudo, o "pau atoa", segundo a expressão genérica local, se reduzirá cada vez mais, pelas especializações dos estudos da química industrial, que descobrirá valores e virtudes em certas plantas e pela crescente exigência das manufaturas da celulose, as quais não terão muito que rejeitar, na oferta da matéria-prima que lá forem obrigadas a recolher.

Foi um produto nativo da Hiléa que serviu mais profundamente à geografia paraense e à amazonense. Estaria longe de o julgar aquêle padre Manuel da Esperança, quando contemplava o selvagem cambeba brincar com a pelota elástica ou beber o cauin das cerimônias em garrafa branda e indeformável. Aliás, é principalmente o interêsse imediato da riqueza que conduz à descoberta e ao povoamento consecutivo. E quando não há essa riqueza, supõem-na, para atiçar o apetite à aventura. A fome é uma de suas formas sublimadas — a ambição regeram sempre as migrações, a não ser um caso político como o abandono dos bôers do Cabo pelo *veldt* transvaaliano ou o incidente religioso como o dos puritanos, sob os

Stuarts, que se refugiaram na Nova Inglaterra. O estabelecimento dos povos, descidos do Pamir, foi-se incontestàvelmente fazendo em busca dos *placers* do ouro, das canaãs da oliveira ou das luzernas. É na prosaica e dura contingência do ventre do homem, que o planêta ainda hoje é investido e rebuscado, a não ser o caso dos pólos, de um ou outro pico indiano ou nascente sudaneza, dados de sobra à vaidade de heroísmos, nobres ou pantafaçudos, para os alcançar com reclamo ou modestamente.

Hoje, a ciência aumentando o poder da adaptação limitou essas manobras. Em ponto pequeno assistimos agora a tais deslocamentos, no calabrês correndo a São Paulo e à Argentina para as colheitas do café e do trigo e no amarelo das costas do mar do Japão, emprestando a Califórnia e Iguape...

O primeiro contato do europeu com o Amazonas foi executado pelo tenente de um Pizarro, — drama de soldado, transe de inflexível disciplina e de negra miséria. O segundo coube a La Condamine que, depois de medir e conhecer em Quito um arco de meridiano, resolveu fazer o mesmo ao trecho novo de nossa terra — episódio de cientista e de radiosos sentimentos sobrados à cultura da liberdade e do amor à ciência. Remontando o rio famoso, o excelente Pedro Teixeira verificou o astrônomo e acadêmico francês. Mas, a geografia da região já havia adquirido, no simples transcurso em descida da corrente, as linhas capitais, porque, efetivamente, todo o vale tem mais ou menos a fisionomia topográfica que as suas águas traduzem. Precipitem-se estas em cascatas, viajem em torneio de sinusóide, grudadas pelo inverno no escabroso das escarpas, a terra é áspera, alcandora-se nos degraus de seus fraguedos, numa latitude temperada com altos registos altimétricos; ao contrário, as águas escoam-se nas lentidões dos remansos, encharcando as margens, com horizontes de mar morto, de verão a verão, mais diminuídas ou mais refertas, trata-se de um rio de planície, vago e insidioso, fazendo na zona tórrida o pantanal, criando as pragas e os morbos paludosos.

Para o observador de ontem, como para o de hoje, o grande rio pátrio não enganou ao viandante, fôsse caçador de índios, cosmógrafo, colhedor de seringa ou regatão. À direita e à es-

querda, no cenário edênico de que Martius nos deixou uma visão deliciosa, conta o rio a sua própria história, resumido o facies e revelados a estrutura e o regime no passar da linfa. Tomemos o mapa de Abbeville, o de Coronelli, o de Fritz ou o de Del'Isle, e a comparação é ilustrativa. Compulsemos com as velhas projeções a carta do Comodore Tomaz Selfridge ou outra mais moderna. Que vemos? A foz quase tocando a linha equinocial e dilaceradas as terras no embate refluente das pororocas e vertiginoso das corredeiras, e, todo o rio, em direção geral, não longe do que é na realidade. O Madeira e o Japurá tinham em 1675 os mesmos nomes e as mesmas situações que lhes achou Costa Azevedo. A longa extensão do Amazonas foi um dos elementos para o seu conhecimento imediato. Na demora de atravessá-lo os transeuntes tinham tempo de lhe notar os pormenores e de abraçar-lhe o conjunto imenso. A época das vazantes, a elevação das margens, a natureza da vegetação, o número de ilhas, os centros de vivenda, tudo lhes prenderia a atenção na longura dos pontos a alcançar, no vagar da navegação, aguardando vento ou o desabrimento dos temporais.

Poucos enganos seriam possíveis. A bôca dos rios é um pouco da sua configuração longitudinal; a medida da largura dá-lhe a importância do curso; a da profundidade, o volume das águas; indicam a extensão e naturalmente a riqueza dos afluentes, a côr e o movimento do líquido; e os destroços que descem flutuando, também definem a natureza das terras e a da vegetação marginal, raspadas nas erosões possíveis do leito e ao longo dos taludes em que desliza a corrente. João de la Cosa, em 1500, inscrevia diante da projeção das bôcas do Amazonas a sua nota explicativa: "Mas alta la mar que la tierra". A impressão do nauta espanhol traçava a carta hipsométrica da bacia, a qual não andava longe da verdade.

O Amazonas reparte quase ao meio a zona do quaternário, do terciário, e do arqueano em que se aprofunda. É mais a mediana do vale que o paralelo à linha equinocial, inventado por Elisé Reclus. Três acidentes o caracterizam na sua estrutura: o pongo de Manserico, peruano, o passo de Óbidos e o arquipélago de Marajó, brasileiros. Salta no primeiro, espreme-se no segundo e apaga-se no último. Mas nesses transes êle

reproduz a grandiosidade, a riqueza, os perigos e a miséria das portentosas terras que irriga. Por sua causa o homem treme nas sezões, ergue a casa sôbre estacas e perde o que plantou; outrossim pode pescar de dentro de sua rêde, colhêr os frutos das vazantes colmatadas, transportar-se fàcilmente levando o cachorro, a mulher e os filhos, sem mais esfôrço que iscar um anzol, introduzir na praia umas sementes e esperar o terral ou dispor a montaria no fio da corrente...

No grupo antigo do Vaticano que representa o Tibre, simboliza o rio um velho rodeado de crianças. A representação do extraordinário rio brasileiro exigiria talvez a concepção de um miriápode gigantesco, dando-lhe o número dos afluentes o distintivo dêsses apteros. Com efeito, não se contou ainda, não houve paciência para enumerar as pernas do emboá...

No lado norte, o rio Negro destaca-se com um porte imenso. É o chefe do bando potamográfico mandado pelas serras e contrafortes em divisa da Venezuela.

O Tumucumaque e o Aracari enviam diretamente de suas vertentes, ora ao próprio Amazonas: — o Atumã, o Trombetas, o Peru e o Jari, ora, sem outra vassalagem, imediatamente ao mar: — o Oiapoque e a miudeza do Caciporé, Calçoene, Amapá e companhia. Na margem sul, a bacia do Amazonas não adota uma primazia. Os afluentes principais de oeste para leste vão diminuindo de extensão meridiana e aumentando de importância econômica e política. Inscrevem-se em uma harpa septecorde. O Tocantins vem de 1° Sul ao paralelo 19° Sul, inscrevendo os últimos filêtes na serra de Caiapó, no extremo de Goiás, e o Javari brota na latitude 7° e tanto. O prolongamento da linha Beni-Javari dar-nos-ia por assim dizer o limite de uma fiada de nascentes. O Madeira, como que se encolhe, para não ultrapassar a raia geodésica dêsse rumo histórico, refugiando-se ao longo da serra dos Parecis.

Nesses afluentes do Amazonas, porém, está o capítulo mais curioso que por ventura exista na história e evolução das indústrias humanas. São os produtores da borracha, os Patolos da legenda seringueira, arriscados hoje a se mudarem em Aquerontes de abandono, porque Mister Wickam arrebatou uns sacos de sementes da euforbiácea, apanhadas em 1875, entre

o Tapajós e o Madeira, e fê-las brotar nos invernáculos de Kew. Não foi feliz o seu patrício Sir Walter Raleigh com o sonho de Parima, regressando de mãos vazias ao colo da rainha Isabel e perdendo a cabeça alucinada na realidade sangrenta do patíbulo, enquanto o outro a mostra, coberta de cãs, à objetiva dos fotógrafos para a moderna galeria das glórias de Albion. Ùltimamente gratificaram com duas mil libras o operador da transplantação gigantesca do Eldorado para as margens do oceano Índico; nunca houve gorjeta de porte mais mofino, de pequena, a importância faria rir Harpagão em carne e osso...

Quanto a exploração da borracha nos tonteou, quebrando até a ilusão coletiva de um certo ladinismo nacional, está na crise que seria impossível com duas ou três medidas administrativas, decretadas logo depois que as plantinhas gomíferas de Mister Wickam avultaram nas leiras de Ceilão.

A geografia agrícola do extremo norte mais conscienciosa, procurando representar as grandes culturas do café, da cana, do fumo e do algodão, na grafia empolgante dos coloridos convencionais, conduz a erros e afirma em falso. O desenhista barra de carmim ou sépia ambas as margens do Amazonas até Tabatinga e estende-o à bôca do Gi-paraná, pintalgando-o aqui e ali com mais ou menos verdade ou perspicácia : — é um cacau possível. A cana merece quatro manchas pequenas. Cobre-se o Javari de uma floresta de mangabeiras peruanas !

Não se pode precisar o que é a mesma imprecisão. No grande rio flutuam discricionàriamente as balsas de capim e de ninfeáceas e assim também o domínio e a localização especial das culturas ordinárias. Por tôda parte há o café e a cana, o tabaco e o algodão. Acolá é um campo, mais além o tabacal, ainda mais adiante o arroz e o melancial verdejam entre os milhos e os cacaus. Amanhã se pode inverter tudo isso ou uma só capoeira nova substituir os roçados, guardado consigo o segrêdo do recuo e do revés. Nenhum sistematismo, pois nenhuma seqüência ou determinação exclusiva. O algodão herbáceo deixa de ser ânuo para se perpetuar com capuchos em todo tempo. A mandioca perde o veneno dos tubérculos, na transformação misteriosa da terra de certas locali-

dades. Há socas com dezesseis canas enormes e as ressocas se fazem por assim dizer, por si mesmo, lavrando a suculenta gramínea como as tiriricas e os "rabos de raposa" prejudiciais. O cajueiro em alguns meses aparece com maturis. E na pressa e alteração das cousas, os plantios não têm regra, nem precisão de âmbito lavratório. A indicação verdadeira das culturas pelas convenções do desenho, na carta da Amazônia, seria uma atrapalhação de rabiscos, um pontilhado que nada figurasse ou extremasse de nítido ou seguro. A não ser assim, qualquer representação intruja, cria limites inexistentes, prefigura caracteres incoerentes.

A agrologia da Amazônia embaralha-se também e não se poderá designar em modalidades inconvertíveis e regularizadas. Onde foi humus, nas sombras da floresta, pode aparecer os grés dos terrenos silicos argilosos. É questão de queimada ou de aguaceiros. Onde será baixio arenoso e imprestável pode empolar-se no fim de algum tempo, a vazante preciosa. Como prender aspectos que mudam? Por que sarapintar a Amazônia com dez lugares de café, planta da zona tórrida e úmida, se em grande parte dela pode prosperar a rubiácea, que em tôrno de cada habitação fornece as bagas purpúreas de seus frutos ? Por que fixar a terra vegetal, que raramente encapa em definitivo o lombo das rochas terciárias ?

A agricultura metódica, como se faz no sul do Brasil, aplicada à parte setentrional, é experiência de riscos sérios. Os humus das terras peladas de matas sofrem logo uma varridela pelas chuvas torrenciais, que imediatamente se precipitam, ciscando as lavras aneiras até ficar a marga argilosa das terras firmes, da qual as queimadas fazem um tijolo recozido. As "terras pretas", são bocados excelentes e raros, e foram o que nos deixou o índio, estrumando com os seus detritos a sede das antigas malocas desaparecidas. O infeliz deixou-nos o que pôde...

A lavoura prática, e mais à mão, tem de durar o máximo uns seis a oito meses. Há-de ser rotativa, compreendendo-se assim o intervalo de uma semeadura a outra, preenchido pelo "pousio" da enchente.

Nas baixas enxugadas por ocasião da estiagem semestral tem de se levar a cabo os plantios que não demorem. Não há necessidade das carpas e não haveria tempo para isso. O "legume" vem e com presteza tal, que espigas e vagens engraessem a olhos vistos. Dispensa-se o arado, quando muito servirá a semeadeira mecânica, se ela se não atascar para sempre nos limos das beiradas. Outros maquinismos serão trambolho, por mais que sejam rendosos nas veigas do Sena e Oise e nos cafèzais de Jaboticabal. É portanto uma agricultura de transitoriedade e de natio: — enfiar a semente no chão gordo de azôto e de carbono e recolher daí a pouco os grãos de leguminosas e gramíneas, os frutos das curcubitáceas. O rio é como o parente egípcio, aduba e dá espaço por períodos constantes, exigindo apenas que o agricultor venha a tempo e não demore mais do que convenha, para que a elevação do nível fluvial não afogue a verde bordadura das roças.

A criação pastoril não dispensa também a várzea, que a enchente inutiliza por pouco tempo. O "têso" é a montanha de encalhe salvador, no dilúvio anual do equador. Sempre e sempre a subordinação ao anfibismo do meio, nas mais variadas preocupações do homem perdido nesse igapó geográfico. O que isso custa de sacrifícios e de luta nos digam os picadões apagados, as colônias esvaecidas, o esfôrço ferocíssimo da Madeira e Mamoré, assentada já onde o charco amazônico se transmuta nas primeiras pedranceiras dos socalcos bolivianos...

Concentrou-se em Belém e Manaus a administração central dos Estados do extremo norte. A civilização, tendo por detrás dela o dinheiro arranjado pelo judeu exportador, organizou nesses dois focos os melhoramentos supremos e ultramodernos das obras do pôrto, da luz elétrica e dos esgotos. A primeira cidade constituiu-a, desde 1616, Francisco Caldeira Castelo Branco ,na soleira do vale; a segunda assentaram-na, posteriormente, no entranhado das terras que Favela fecundou e sangrou e das quais deveria ser centro de atração e a sentinela avançada, com o forte de Mota Falcão por origem, antes da povoação de Guilherme Valente. As capitais europeizadas tiveram a modesta origem de uma taba de índios; se lhes fôsse dado a tôdas organizar proficientemente os seus

escudos, deviam espetar no timbre o canitar dos selvagens. Em ambas o velho mundo fêz adiantamentos à hidráulica e ao saneamento, juntando-as na mesma aura de progresso efetivo, enquanto os campanários da política local repicavam na separação absurda de interêsses e na bobagem da rivalidade e inveja entre aldeões.

As outras vilas e povoados têm brilhos fugazes pela alta no cacau ou na castanha, mas decaem visìvelmente ao fim de mais algum tempo. A prosperidade é uma febre, acaba remitindo sem se saber porque. Na maioria dos casos o fenômeno é da mais apreensível das causalidades. A peste dos mandões políticos e anfictiões eleitorais começa por fazer da justiça pública um tapête para os pés. A tirania não irrita, exinane; no cinismo, na filáucia e no ridículo não estimula um protesto, mas empobrece. O comércio retrava-se, arruínam-se os prédios, esvaziam-se as praias de viração, os campos encapoeiram-se... Os chefetes locais são os mais responsáveis pelas ruínas de todo interior. Muitas vêzes, se deixam construir é para impor e rapinar, se consentem passar é para acorrentar mais adiante. Incapazes de independência, quase todos sem a noção honrosa e completa do poder que exercitam, sem aquilatar dos males que podem produzir e do bem que as suas influências conseguiriam catar, sem o conhecimento dos problemas mais capitais de uma civilização, que pelas dificuldades de estabelecimento só poderá subsistir no regime de garantias facultadas na liberdade e na lei, êles constituem a quadrilha dos estranguladores, operando o vazio nos cofres municipais, enquanto vão atiçando a discórdia no assalto às urnas e no garrote às goelas dos concidadãos... Têm por isso mais poder ofensivo e despovoador que o paludismo e a leismaniose. Nas suas mãos de Procusto se esquarteja o cacaualista ou o seringueiro, o pobre do juiz se estorce entre o ceder e o romper. E nestas condições se abala a cúpula forte, que poderia abrigar a todos, no solo móvel das vazantes de moralidade e das terras caídas do caráter. Os potentados suicidam-se ou engordam no igapó, arrastando o futuro dos filhos ou compatriotas na intolerância que agride e subverte, cultivando todos os abusos do Poder sem peias... Ajoelhados perante os Gover-

nadores e de vara erguida para os seus administrados ou "amigos", êles são realmente órgãos malditos de uma organização social, que só anda escrita, agentes constitucionais de niilismo, manda-chuvas de granizo nas searas que vão nascendo...

A palinódia do péssimo clima não satisfaz para explicar a marcha cruel em altos e baixos do povoamento do vale da Amazônia. Defende-se o clima megatérmico com o reconhecimento da isotermia favorável. No verão real vem o banho das chuvadas. O verão nominal corresponde à passagem do sol nos signos do inverno astronômico. As médias da temperatura oscilam na escala de uns sete graus, entre 25 suportáveis e 33 excepcionais. Os alíseos aliviam os rigores de queimada cósmica, espanando-se as ventarolas e penachos dos palmares de Santarém, diminuindo o sôpro reparador do Solimões para cima, como se fôsse parando o fôlego de Boreas, cansado de chafurdar no tijucal da baixada. As noites refrescam pelo madrugar. Ali viver, pode ser agradável e os testemunhos competentes de Bates, de Wallace, de Smith, e do Reverendo Durand nô-lo afirmam sem nenhum constrangimento.

De resto, a questão do clima não é atualmente primordial. Os recursos da profilaxia e da indústria tem-na colocado em plano secundário, principalmente se se comparar com os tempos primitivos, quando o homem só dispunha da pele do bicho ou do abano de palmeira para o aquecimento ou o refrigério. A civilização hoje se faz no Alaska, como na Senegambia, nos baixos de Sumatra, como nos altos Alpes, sendo outros os motivos de atraimento e fixação do homem, nos trechos por êle escolhidos para viver na crosta planetária.

O clima, com a sua descarga ardente, faculta o estabelecimento da imigração na Amazônia. Não a permite, porém, a violência por assim dizer doméstica dos cabos de eleições, dos cabeças e decuriões dos partidos, feitorizando o povoador, com suas fôlhas de recrutamento e inscrição anual de tributos, ao sabor das preferências pessoais e das perseguições em globo. Mais que a lava do clima, afrontam o pêso das contribuições e o desaforo do predomínio de bruteza e compressão, por parte de uns tristes régulos...

A população adventícia, habituada às coações sociais e climáticas em que nasceram, disseminou-se no vale amazônico por todos os cantos. A íncola, já mestiça, tendo o índio sido arrasado pelo rifle, pelo defluxo ou pela bexiga, não abandonou as ilhas do Pará pelas anfratuosidades do alto Iaco. Fixou-se a seu modo, cada um em seu pedaço, não se mudando os que já estavam antes da invasão. Nos lagos do Canumã ou Codajaz continuou o caboclo a arpoar o peixe, a campear o gado nos "lavrados" de Monte Alegre. Não se desprezou cousa alguma. Há gente no Içá, esquelética, tiritando de febre, há no Xapuri com bem-estar e as côres da saúde. O colono veio de tôda a parte. Da Síria é o bufarinheiro lacustre, o taverneiro é do Algarve ou Beira Alta· tal seringueiro desembarcou de Hong-Kong, aquêle outro é natural de Minas. No mesmo barracão dão-se *rendez-vous* tôdas as raças. O índio uaupichana trabalha com o marselhês e o prêto de Barbados, o aviador pode ser alemão, o aviado cearense...

Mas o nortista do Brasil é o alienígena de maior número. A massa mamaluca não subiu na transmigração de há trinta anos a esta parte os rios da hévea e da castiloa, ficou no baixo Amazonas, assistindo ao deperecimento de Gurupá, Alenquer, Silves e Urucará, colhendo uns quilos de cacau, umas barricas de castanha, entaniçando umas fôlhas de tabaco, flechando pirarucus e tartarugas, que troca pelo sal e pelas chitas vistosas para as cunhamucus...

A distinção entre êsses dois grupos é sobremodo interessante. Um tem rèsignações muçulmanas, outro alerta, quão desperdiçado, conta sempre com o seu esfôrço delirante para vencer o destino. Devolvido ao litoral pela calcinagem do sertão de Nordeste, onde a natureza lhe ensinara a cultura da esperança, êle emigrou para a Amazônia com essa única flor, que não lhe secara nas ribeiras e nos campos de "mimoso", pela única razão de a trazer sempre no coração ,regada por algumas lágrimas. O aventureiro passou pelo caboclo "mariscador" quase sem o ver. Mesmo depois não lhe deu atenção, a não ser alguns cartuchos de balas gastos com os mais selvagens. Tratou de "meter as madeiras em pique", isto é, arre-

gimentou-as para sangrá-las e começaram a orgia e os dramas funestos...

O tapuia, à beira d'água, nos lagos do Nhamundá ou do Careiro, tomando tento no boiar do tambaqui, ouvia vagamente estourar o champanha nos prostíbulos de Manaus ou de Belém e nunca se aventurou a dar um passo à riqueza fácil, volatilizável e acre como a fumaça dos côcos nos boiões defumadores.

O indígena não concorreu ao corta-corta dos seringueiros. Óbidos continuou a fabricar pasta de tamarindo e a preparar o chocolate, Maués a amassar e modelar o guaraná, São Gabriel a tecer as rêdes de tucum e penas, Itacoatiara, Acará e Borba a fornecer o fumo. Enquanto isso, o tráfego da navegação marítima e da cabotagem aumentava, desde a carta de liberdade de 31 de Julho de 1867. O navio que descarregava em Liverpool ancorava em Iquitos; passavam pelos redemoinhos de Marapatá a montaria do Careiro e a igarité do Solimões, o "gaiola" do rio Purus e a lancha do Juruá, o paquête da Red Gross e o piroscafo da "Ligúria".

A produção da borracha chegou a cifras formidáveis. De trezentos e noventa e quatro mil quilos em 1839-1840, alcançou exatamente a trinta e nove mil duzentos e sessenta e seis toneladas em 1909. Três quintos da borracha do mundo nos pertenciam. As rendas públicas dos dois Estados somaram parcelas memoráveis e avultadas.

De repente, tudo parece descer com a queda abstrusa nos termômetros das pautas, nas caixas do erário e dos mealheiros. Aspecto de tremedal. O físico aluvional formaria a imagem flagrante à babel dos negócios desmoronados. Na confiança do terreno, o trabalho prosseguia o seu programa, talhado nas necessidades evidentes da mão-de-obra estrangeira súplice à porta dos mercados da goma-elástica; quando de repente afunda o homem incauto, na surprêsa do solo alçapão, tão comum em certos lameiros disfarçados numa relva asseguradora...

O acidente peculiar ao industrialismo moderno, febril e cheio de embustes, tal qual uma arte de prestimanos, que já

nos tinha roubado o comércio do anil, dando-o à Índia inglêsa, foi um fenômeno de marema e de mil e uma noites, fogo fátuo e riquezas de Ali Babá...

A moral tremenda do fastígio e decadência fantásticas é também uma lição de cousas, para que alarguemos a nossa capacidade de triunfo no respeito judicioso ao cosmopolitismo dos problemas materiais e não nos embalemos na confiança perigosa de inconscientes e de travessos...

Lembrando-nos que há precipícios atraentes, que a esperteza ou o repouso não pode ser o apanágio ou a fortuna exclusiva de um povo; e, bem assim, que o destino social não se estatui em reserva de graça a filhos prediletos e mimados, daremos com isso passos mais seguros e olharemos para mais longe.

As indústrias florescentes numa "economia destrutiva" têm a vitalidade ameaçada dos cardíacos. É o fato geográfico, segundo as vistas de Ratzel ou Brunhes, dos mais puros e verificados. É a lei do esgotamento e da morte nas regiões da terra, carcomidas pela ambição e imprevidência dos povos mal civilizados. Assinalando-as, no ponto de vista de que a terra em si é nada, sem o curso do animal que a habita, apontamos apenas um dos fenômenos comuns e incorporados aquilo, que ùltimamente se convencionou chamar : — a antropogeografia, a geografia humana e por cujas diretrizes se desenvolverão os planos estreitos e confusos das perspectivas a que nos propomos. 1934.

APÊNDICE

O ESTAFÊTA DO MAR DOCE

CORRESPONDÊNCIA

O ESTAFÊTA DO MAR DOCE

Já durava dez meses e meio aquela impávida travessia de ida e volta da bôca do Amazonas à colônia de Surinam, pelas ínvias e temerosas terras do Brasil e da Guiana, e mais um dia ainda a cavar a água na melancolia envenenada dêsses êrmos, onde a mata é o muro circular e verde da casa dos homens esverdeados. Só não se devem impacientar as "preguiças", se, da mesma maneira que róem os brotos das embaúbas na inércia de umas larvas, lhes fôr dada a faina igual e repetida de descer, ou subir um rio, na chata vastidão encartada nesses vales.

O alferes Porta-Bandeira da sétima companhia do Regimento do Pará, Francisco José Rodrigues Barata, estirado no acabrunhamento do calor, sob as palmas mornas da tolda da canoa, ia recordando pôrto por pôrto,

corredeira a corredeira, barranco por barranco e praia a praia, as peripécias da sua longuíssima viagem prestes a findar.

Dois dias antes de chegar ao sítio farto e hospitaleiro de umas mulatas holandesas, fôra arrebatado da montaria pelo esbarro num galho pendurado à flor da correnteza borborejante. Caíra no vórtice das águas, que rugiam nos degraus agitados da itaipava. Ainda pudera agarrar-se à ganchorrada de um ramo. Ficara êle, na fervura da cachoeira, pendente qual fruto enorme, borrifado nos redemoinhos. Os índios, na impiedade das almas primitivas, riam a bom rir do Alferes nos apuros. A espuma dos borbulhões parecia o linho de mortalhas espatifadas no pedregal. O náufrago, estorcido na rampa de sorvedoiros, intimara à guarnição dos barcos lhe atirassem cordas. As gargalhadas continuaram, não as ouvindo, porém, êle, porque o estrépito dos cachões do salto felizmente o impedira. Salvara-se por um triz, para a fortuna da missão levada a têrmo, mesmo que se abrisse a terra, ou se lhe ajuntassem no caminho tôdas as iaaurités da floresta e sucurius do igapó.

Adormentavam-se-lhe então as penas com o apazigo da lembrança de que tinham passado nesse cruzeiro em vaivém, no labirinto malarioso dentre Belém e Gurupá, no duplo perpassar em povoações decrépitas do rio Negro, e abaixo e acima, no perlongar enfadonho e soalhento das aldeias aniquiladas do rio Branco ...

De caminho para o alto lhe haviam cedido um soldado por tôda escolta, um troço de caboclos cachaceiros e malandros para os esticões propulsantes do remo. E tivera êle mesmo de mandar encordoar as piaçavas e tu-

cuns a fim de obter viradores e cabos de laborar, com que lhe fôsse possível remontar à sirga os tropeços das catadupas. Ferreado pelas pragas, ainda fôra êle que redigira o diário das jornadas, para assim nada escapar da aventura, menos para sua glória, que à de sua Soberana, por amor de quem o vassalo longínquo e ignorado raspara a morte e defrontara a solidão.

Parecia ao oficial de Belém ter sido há longos anos que recebera das mãos do Capitão-General as cartas dêste e do Ministro de D. Maria I, D. Rodrigo de Souza Coutinho, para as fazer chegar ao Doutor David de Is. Cohen Nassy e mais judeus de Paramaribo. Fôra o momento de sua vida em que o coração lhe batera mais forte, quando o mandaram investir contra o deserto em diligência do real serviço. Insanidade que houvessem escolhido a rota mais ínvia e mais comprida. Uma regra elementar de Euclides, ou de Bezout, preferiria o caminho pela costa, rumo dos cabos Norte e Caciporé. Um bergantim levaria oito dias, sem ventos ponteiros de monção. Mas o haviam impelido ao caminho da brenha e da longuidão. D. Francisco de Souza Coutinho não pestanejara, enviando-o pela demorança do intransitável, para ser o portador seguro de algumas letras do irmão que, repimpado em Portugal no palácio de Queluz, as escrevera para lisonjear um rancho de semitas da América, tidos como favorecedores de alguns lusos capturados por franceses. E isso, como se o Governador fizesse o subalterno render uma patrulha na Casa das Canoas, dando volta pelo convento do Carmo ...

Que o Porta-Bandeira obscuro avançasse às paragens inóspitas do sertão bravo e lhe galgasse as teme-

rosas barreiras! Correio do Capitão-General, nessa função temporária êle ao menos não apodreceria no môfo dos quartéis, esmoendo os magros vencimentos do tesouro público. Faria alguma coisa de mais viva, de maior alcance e mais notória para a sua pátria. Perigos de naufrágios, riscos de serpentes, ataques da "febre podre", que valeria o sofrimento quando a vida se lhe extinguisse e radiosa lhe ficasse a memória dêsse feito? Reforçar-se-lhe-iam os raios da auréola nesse milagre da vontade que, obedecendo à autoridade do Capitão-General, triunfava de todos os entraves da própria terra inacessível e selvagem.

Grande honra do humilde e pobre oficial do primeiro pôsto, ser destacado para o aventuroso e o difícil, numa guarnição atochada de mais graduados. Os protegidos do govêrno escolhiam-se para os lugares de gôzo e vadiação. Nulos e felizardos, cobertos de vantagens nas sinecuras, acabariam na massa anônima dos servidores medíocres, enquanto que o seu nome imperecível seria conservado para a eternidade no relato dos prodígios sertanejos.

Percutiam os braços dos remos nos respaldos dos pavezes. Era a pulsação da marcha, incansável, diária, regular, rufada melancòlicamente em golpes rítmicos, no silêncio da flutuação e do deslize.

Do proeiro ao jacumã ninguém poderia avaliar os sacrifícios do patrão, que nesse momento se estendia numa esteira de arumã, sob a coberta, para rascunhar num calepino algumas linhas ininteligíveis de suas últimas notas. Tinham qualquer coisa de mecânico, essas figuras de bárbaros, seminús, vergados nos bancos, às pá-

zadas no espêlho trépido sôbre o qual fugiam.

Garças recolhiam-se aos garçais. Algumas nuvens róseas semelhando as fôlhas novas do cajuaçu se foram alaranjando pelas bordas. Tudo era tão tranqüilo naquela tarde de fevereiro, que parecia pintado a ouro, a verde, a azul e a vermelho, num cartão de aquarelista. E a tarde rúbida e serena ia desfalecendo, numa vagueza de pérola, entre os leques das bacabeiras, no ofegoso vozeio dos guaribas.

Enfim, a noite a tudo colheu tristemente em sua palma negra, imensa e recurva, empoeirada de astros. Recortando o coral dos macacões "barbados", soava em intervalos mais curtos o tanger instantâneo das remadas nas bordas de itaúba. Apressavam-se os viageiros a chegar a um pouso; assim, as marrecas desgarradas e retardatárias aceleram as asas ...

No dia seguinte findaria o caminheiro a sua árdua expedição. Continuavam a enxamear-lhe vivazes na memória as impressões dos seus passos transatos pela terra ignota e alheia.

Certa vez, à entrada da noite, vira à direita do rio marcar-se uma cidade da Guiana, pelo número de luzes apontadas à margem. Alguns faróis de embarcações paradas no ancoradouro faziam de longe o efeito de estrêlas baixadas à terra e boiando no pôrto.

O Alferes surdindo da coberta mandara abicar à praia desconhecida. Prontamente embainhado na casaca do uniforme, em mão o passaporte crivado de vistos e assinaturas, havia êle desembarcado em demanda dos senhores dessa paragem, designada a casario e lampeões no plaino da sua estância. .Era Essequibo; e êle precisava

então passar depressa ao seu destino, levando as epístolas ao Doutor David Nassy e aos de sua religião, e mais o tabaco de Silves, as cuias de Monte Alegre, o anil do Rio Negro, os pacarás de Santarém e ainda as mixiras e o puxuri, com que continuaria a retribuir os favores recebidos durante o extraordinário despenho ao ghetto de Surinam.

O secretário do Governador acolhera mui cortêsmente o estrangeiro, chegado por uma direção tão extravagante, e como bom funcionário precatado e formalista, fôra logo despojando o recém-vindo dos papéis oficiais que o identificavam no mandado real.

Aconselhando-o a esperar pelo chefe da praça, então ausente nas plantações mais próximas, o secretário enviara-o em seguida a uma pousada, donde saíra o Alferes com alguém que lhe falara em francês, levando-o para a sua residência. Nesse momento, inesperadamente, se lhe apresentara um rijo oficial, com o severo sobrecenho de um solene tarimbeiro. Era o comandante da fortaleza e governador da cidade em nome da Inglaterra, recente posseira daqueles domínios em litígio com o flamengo. Tinha a catadura de soldado convencido das responsabilidades do ofício e começou a inquirir o militar do Brasil, servindo-se do latim, em tateio de comunicação com o ser raríssimo, que transira os páramos guianenses pelo inaudito rumo do meio-dia.

As várias e incisivas interrogações do oficial tratavam de tudo saber daquele estranho, que surgira pelo fundo das terras misteriosas por onde se esgueirara Nicolau Hortsman, farejando o Eldorado, e só costumavam passar as aves, os ventos e as torrentes. Quem era? De

onde procedia? Como chegara indene? A que viera? Para onde pretendia seguir? E o estafêta do Mar-Doce, Francisco José Podrigues Barata, fechando também ao colega o semblante de guerreiro, espichara os cumprimentos de recém-chegado, e dando resposta cabal à chuva de perguntas, fôra explanando a narração singela do seu feito na mesma língua do interlocutor, o idioma excelso e abreviado, esclarecido e maciço dos doutores de Tolosa ou de Bolonha.

Em Demerara o povo curioso acompanhara-lhe os passos, admirando-o, bem assim às canoas amazônicas molhadas pela vaga das Antilhas e aos índios da sua tripulação, no pasmo infantil por um bando de cuxius peludos ...

E os oficiais de Essequibo, de Demerara e de Barbiche beberam-lhe as palavras quando êle, muito instado, narrara a façanha de viandante maravilhoso.

Contemplara Barata o confôrto no qual viviam seus camaradas estrangeiros, bem pagos, bem fornecidos, mesmo de serviços de mesa com as armas da nação luxuosamente cravadas nas louças e talheres. Palpitara de inveja, mas em segrêdo ... Romeiro da disciplina não lhe competia queixas nem censuras. Dever cumprido depurava o ânimo de certas inconsistências, e era um filtro efetivo de consolações. E nesse brio de obediente, a sua alma impunha ao corpo combalido a resistência e a fôrça de Teseu.

Terrível com efeito fôra a enfermidade que apanhara em Paramaribo. Deixara-lhe a pele calçando os ossos. Trinta e tantos dias de prostração, de vertigens, de insônias, de zoada nos ouvidos e de delírio com os

lábios entreabertos e trêmulos, a língua fendilhada e sêca e as mãos contratas, automáticas, catando os fios das cobertas do leito, onde nem lhe fôra possível receber os óleos da extrema-unção, porque só havia a judiaria e os hereges para velarem por êle.

Deus não se amerceara do peregrino do dever. Sim, afinal de contas lhe tivera dó, por haver pôsto na filha única do Doutor Nassy duas asas de arcanjo, para que pousasse ao lado do viajor, a fim de lhe adoçar as horas amargas da angústia entre os estrangeiros. A linda moça de Judá, era uma Nossa Senhora do Pilar! Vertia bálsamos do céu olhando para o leito do febrento. Tinha um nome bíblico, os cabelos de um preto de araúna e o porte delgado e balançante das juçaras. Essa piedosa rapariga de Samaria, que deu de beber a Cristo, era bem de sua raça. Com que desembaraçada meiguice ela vinha com a puçanga e o animava dizendo não ser coisa alguma o seu mal... Abelhas há deixam o ferrão na picada que perpetram, assim para sempre lhe ficara n'alma a impressão dessa donzela. Tão paciente quão formosa e com a ciência das Aspasias de Péricles e de Ciro! Parece tivera o Alferes mais coragem para a torna-viagem, depois que a Senhorinha lhe velara o sono, lhe dera o copo da tisana e lhe passara brandamente o lenço nos suores da face.

Com freqüência lhe fôra dado em seguida ver a imagem da jovem guianesa erguer-se no fogão de proa da embarcação, aconchegando nos braços o mimoso cestinho com que, ao deixar Paramaribo, êle presenteara à misericordiosa e grácil, retribuindo-lhe a cuidança. Por isso, onde podia encontrar pelos barrancos algum ramo flo-

rido, o punha logo no lugar da montaria em que a virgem impalpável lhe costumava sorrir. Quando as sezões o pegaram a meio do regresso, fôra-lhe ainda a distante judia a enfermeira. Sòmente em sonho, na verdade, mas suas mãos de Mãe Santíssima lhe corriam na testa de doente; e, êle sentia-as da mesma forma, brancas, frescas e carinhosas.

E como lhe fôra custoso impedir se aproveitassem da sua odisséia para conhecer as minúcias das terras de seu trânsito! Quanto tato para que não desconfiassem do propósito de reservas do viandante, como lhe cumpria! Após o banquete que lhe oferecera o general holandês, êste abrira o atlas e pedira-lhe indicasse as linhas da derrota. O Alferes, distraído e farto de iguarias e rapapés, citara o rio Repuruni inexistente por êrro na carta apresentada. Mas, logo se arrependera da comunicação e se encaramujara em diplomata, sonegando o Sarauru e outros, ao ver o interêsse com que o flamengo anotara o acidente esquecido no cochilo do cartógrafo. E a bôca do Barata se poupara a mais informações que ilustrassem a geografia de possíveis inimigos, esquivando-se a fornecer qualquer dado em condições de enriquecer a estratégia do oficialão de Holanda.

Elucidando essa autoridade das partículas corográficas da pátria, seria como se descompusesse o corpo de sua própria mãe. Nessa prudência multiplicara as manobras de afabilidade e excusa, para dissuadir um charlatão germano, médico em Paramaribo, de acompanhá-lo na viagem de regresso, conforme o indiscreto lhe havia proposto. O alemão era um pedante e metediço insuportável. Filaucioso e tarameleiro, com que intenção o tu-

desco quisera prender-se aos calcanhares do Porta-Bandeira?

Sempre a música dos remos no costado da embarcação, a compasso regular, por essa derradeira tarde, na viagem do Barata. No dia seguinte chegaria o oficial e comissário ao seu ponto de partida. Trazia todos os estígmas da navegação. Na sua vestia de duraque vinha magro e débil, havendo-lhe chupado todo o sangue os turbilhões de insetos diurnos e noturnos. De aspecto terroso, o fígado tufado, mumificara a malária o soldado amazônico, dando-lhe sobressaltos de frio entre as labaredas da queima interna de suas veias. Os companheiros haviam caído descarnados e comburidos nos acessos subintrantes das intermitentes. Mas, êle pudera concluir a marcha para integralmente cumprir os desejos de D. Rodrigo, do irmão dêste e da Senhora Rainha.

Na casa da Residência, a 14 de fevereiro de 1799, se apinhavam na ante sala do gabinete do Governador do Grão Pará oficiais da Tropa e da Auxiliar da Capitania. Por meio dêles rompeu um alferes amarelento e magriz. Certo Capitão, Ajudante da Sala, comunicou-lhe que Sua Excelência acabava de entrar para o despacho e concedia de boamente alguns minutos de audiência ao expedicionário de Surinam.

Do bizarro Porta-Bandeira de fins de março de 1798 restava ali, com efeito, apenas um esqueleto abotoado no saio de canhões e veste de grã. Procurando enrijar-se na postura da continência regulamentar, passou êle por de vante os dragões de ordenança, que lhe correram o damasquim encarnado do reposteiro.

- Entre, intimou, o Capitão-General, sem tirar

os olhos aferroados nos garranchos de um pergaminho de sêlo pendente, sentindo por instinto ser um inferior o homem que se lhe apresentava alinhado no sólio da portada.

Barata, destopeteando-se do chapéu agaloado e aprezilhado de borlas e botões, avançou à ordem, no esfôrço de hirtar-se em firme e pomposo passo de parada.

- Pronto! E entregando um punhado de cartas e o saco impermeável com documentos, o Alferes tìmidamente declarou com o fio de voz consentido pelo tremor e fraqueza das sezões: Chego de Paramaribo. Contente das fadigas, moléstias e trabalhos, num estirão de mil e tantas léguas, ida e volta. Temo apenas que apoucado de talentos e falto de mais habilidade ou energia, não tivesse bem compreendido e cumprido na riscosa empreitada as instruções do Excelentíssimo Senhor General.

D. Francisco de Souza Coutinho, depois de se assoar estrondosamente num lenço de esguião, e de arrumar a insígnia de Cristo que se lhe dependurava num colar, elevou a face severizada ao vulto a que demorara perceber:

- Não o reconheci, nem o tinha por vivo. Já despachara próprios ao seu encalço, os quais deviam tê-lo encontrado. Atenta assim êste govêrno pela sorte dos leais servidores. Que me relata de Paramaribo?

- Grande centro com umas três mil e quinhentas ou quatro mil almas de livres, sem contar os estrangeiros, a guarnição de terra e mar e uns oito ou nove mil escravos. Abastança, teatro, belos jardins, alamedas arborizadas e empedradas, duas gazetas por semana e mais de quatrocentos judeus, em grande maioria portuguêses,

que todos aspiram regressar ao Reino, mantém uma sinagoga diferente da dos alemães e são proprietários de mais de cento e vinte prédios, afora as terras da Savana.

- E o tal Nassy, que lhe pareceu?

- Conceituado médico por Filadélfia, mas vive de madeireiro. É o secretário da regência da nação judáico-portuguêsa. Tem-no por um oráculo no país. Possui vasta livraria. Historiou Surinam na língua de Voltaire. Escreveu na de Camões um plano de educação. Confessa, testemunha e crê, fiel ao Velho Testamento, mas tolera a crença dos outros. Probo, modesto, cândido e caridoso. É quinquagenário e viúvo. Pelo apelido Cohen, denota pertencer à casta sacerdotal de sua raça ...

- Deixou satisfeitos os hebreus? indagou complacente o Governador, vagueando o olhar nos relevos do teto em caixotão.

- De certo Excelentíssimo. Mas foi uma injustiça, com o perdão da afoiteza, de agradecer a quem tão pouco mereceu o reconhecimento de Sua Majestade. Os israelitas nada fizeram pelos prisioneiros. Êstes receberam tôda a ajuda do governador geral da província de Surinam e dependências o opulento e amável general major de infanteria D. Julião Francisco Frederico, ao serviço da República Batava.

- A Coroa dobrar-se tôda em cumprimentos a marranos! sibilou entre dentes o senhor do Grão Pará. E quedando-se absorto, o fidalgarrão levou ao queixo mergulhado na gola da casaca de veludo grezisco a mão alva, onde negrejava um camafeu de ônix, e deixou pender a cabeleira "de chicote" melancòlicamente despegando-a dos soajes do espaldar. Mas, desmanchado o gesto de me-

ditabundo e retomada a dura linha da pragmática, voltou-se D. Francisco Coutinho para o oficial: Se o batavo foi o prestimoso e dêste não se lembraram, inútil foi a sua andada, senhor Porta-Bandeira!

- Quase, suspirou o Alferes. Achei contudo de consertar o caso, declarando por minha conta ao General-Major, que a missiva de reconhecimento de Vossa Excelência a êle destinada eu a perdera numa alagação... Um arrepio enregelado da febre paludial sacudiu a espinha do Barata.

BOIUNA

Do "DIÁRIO DA VIAGEM AO SURINAM" de FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES BARATA

Copia tirada na Comissão Brasileira Demarcadora de Limites - 1ª Divisão
Desenho de Lupercio M. Faleão

ROTEIRO da viagem que fez à colonia holandêsa de Surinam, no ano de 1789, em missão oficial do govêrno paraense, Francisco José Rodrigues Barata, Porta-Bandeira da segunda companhia do Regimento da Cidade de Belém.

DIÁRIO
FRAGMENTOS
1798 - março
1799 - abril

DIARIO

DA VIAGEM QUE FEZ À COLONIA HOLANDEZA DE SURINAM O PORTA-BANDEIRA DA SETIMA COMPANHIA DO REGIMENTO DA CIDADE DO PARA', PELOS SERTÕES E RIOS DESTE ESTADO, EM DILIGENCIA DE REAL SERVIÇO.

OFERECIDO

Ao Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor D. Francisco de Sousa Coutinho, cavaleiro professo da Sagrada Religião de Malta, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, chefe d'Esquadra da Sua Real Armada, e governador e capitão general das Capitanias do Pará e Rio Negro, etc., etc., etc.

(Manuscrito ofertado ao Instituto pelo socio efetivo o Exmo Sr. desembargador Rodrigo de Sousa da Silva Pontes).

março, 30 - Parti da cidade do Pará, capital do Estado do mesmo nome, no dia 30 de março de 1798, às nove horas da manhã, e seguindo viagem com a enchente fui entrar no rio Mojú, e esperar maré no engenho de Jequeriassú, pertencente a José Ferreira.

31 - Com a maré da madrugada parti do dito lugar, e fui entrar no Igarapé-mirí já com a vasante, pelo que esperei a enchente, com a qual fui até a freguesia da Senhora Santa Ana.

abril, 6 - Cheguei ao Amazonas quasi ao meio dia, e fui continuando por entre as ilhas até às oito horas da noite.

27 - Continuei a minha viagem, e pelas sete horas da noite cheguei à boca do rio de Monte - Alegre, onde fiquei.

28 - De manhã cêdo entrei pelo dito rio, e cheguei à dita vila de Monte-Alegre pelas onze horas, onde deixei dois índios doentes, e um pertencente a Almerim. Está a vila sôbre um elevado monte, e é mui agradavel, porque dela se avistam altas serras, que tendo sua origem (segundo me disseram) em a praça de Macapá, continuam por Almerim ou Parú, pelo lugar de Outeiro, e dêste à mencionada vila, onde principiam a seguir a sua direção para o norte, por cujo lado confinam com as colonias holandesa e francesa. Formam estas serras a cordilheira propriamente chamada de Guiana pelos escritores que têm tratado dessa parte da América. Desta vila se avista o Amazonas e alguns lagos; e nela se verifica que muitas vezes convém os nomes aos seus objetos; e com propriedade se chama Monte-Alegre pela sua situação aprazivel. Tem alguns moradores brancos, que se aplicam à cultura do cacau, e outros à extração das drogas do sertão, salsa, cravo etc. Tem muitos índios. As mulheres nesta vila se aplicam à pintura das cuias, de que percebem grande utilidade; o que constitui um dos ramos de seu comércio.

AGOSTO, 21

Amanheceu o dia, circulámos o pequeno lago, e porque não achamos o lugar onde podesse habitar o dito gentio, nos vimos obrigados a seguir viagem. Seria pouco mais de sete horas quando por casualidade vimos que na nossa retaguarda vinha uma ubá de gentio. Mandei encostar as canôas à terra para os esperar; porém eles encostaram tambem em grande distancia, e portanto regressei a procura-los o que vendo eles, vieram tambem encontrar-me.

Mandei-os cumprimentar da minha parte pelo interprete, e saber onde residiam, e onde estava o seu principal; ao que eles responderam prontamente, certificando que eles já sabiam que nós haviamos passado; porquanto estando eles no porto onde principia o caminho para sua morada, ouviram o estrepito dos remos das nossas canôas, e igualmente as cantilenas dos remeiros, e logo viram que nem eram ubaés dos gentios, nem de pessôas que por ali costumassem navegar. Enfim eu lhes fiz declarar o desejo que tinha de falar ao seu principal, e que por isso quisêra que eles me servissem de guias; ao que um deles (e era irmão do mesmo principal) respondeu, que não podiam voltar, porquanto iam buscar suas mulheres, as quais se achavam em uma roça que tinham nas faldas de um monte, e em grande distancia; mas deu um guia que nos podesse conduzir. Partimos uns e outros, e às dez horas e meia da manhã fomos chegar ao referido porto, que se acha dentro do lago Apequeme. Saltei em terra, e com o interprete e alguns mais da equipagem fomos seguindo pelo caminho que o guia nos ensinava. Porém em menos de meio caminho o guia correu adiante de nós, e o não tornamos a ver; mas enfim seguimos pelo mesmo lugar ora subindo e descendo outeiros pedregosos, ora passando nas suas faldas medonhos alagadiços e pantanais; quasi às duas horas da tarde fomos chegar a um profundo lago. Aqui fiquei persuadido de que não era este o caminho; porém os índios me advertiram de que era, porquanto o mesmo lago tanto pela parte inferior, como pela superior, estava coberto de carananzães, e que só ali estava limpo, sinal de que era continuação do caminho. Quadrou-me este raciocinio, e com efeito passámos a nada para a outra banda, e ali vimos realizada a verdade do referido. Subimos pela montanha acima, e chegando ao seu cume, avistámos umas pequenas casas de palha, e nos dirigimos a elas, e ela que não vimos pessôa alguma, e só indicios de que ali haviam morado. Novas desconfianças se me ofereceram, mandei subir acima das ditas casas um indio para descobrir o campo, e ele me declarou que mais adiante estavam outras três casas ou palhoças. Seguimos em sua demanda, e com efeito este era o residencia do dito gentio, e já lá estava deitado em uma pequena e pobre máca o indio nosso guia, o qual assim que nos viu deu suas risadas, como quem se gloriava de nos ter enganado.

Mandei cumprimentar ao principal e as mais pessôas que ali se achavam de um e outro sexo, ao que correspondêram com mostras de alegria. Fiz-lhe saber que eu queria me désse um dos seus vassalos para servir de pratico nas cachoeiras do rio Excequebe; mas quando eles ouviram a minha pretenção, se tornaram tristes, e o principal, depois de haver falado com a sua gente, respondeu que não podia ser, por quanto tinha poucos vassalos, e estes não podia mandar, por lhe serem precisos, não só para sua defesa, mas tambem para fazerem os seus roçados para as suas plantações, pois era tempo proprio. Fiquei desgostoso, porém iustei com agrados e promessas; comi com eles algumas frutas de mamão que me ofereceram, e enfim consegui ceder eles às minhas rogativas, o que lhe agradeci muito. Depois das tres horas regressei para as canôas, e todos me acompanharam até o porto, onde já se achavam os que acima disse haviam ido buscar as mulheres, que todos seriam perto de cinquenta almas de diferentes sexos e idades. Passei a brinda-los com aguardente de que gostavam muito, e com sal de que dei ao principal uma grande cuia, e igualmente duas cuias pintadas. Todos os outros queriam a mesma oferta; mas como o negocio só dependia do principal, dei a este mais um frasco de aguardente e uma pequena porção de polvora, e tratei de me despedir.

A este tempo se me ofereceu mais um pratico, que eu de boamente aceitei, e larguei do porto. Eram a este tempo já quasi oito horas da noite, e navegando até depois das nove fui pernoitar no lugar onde de manhã haviamos encontrado a ubaé, cuja pequena viagem fiz para me livrar dos peditorios que me faziam, porque de tudo que viam se agradavam.

Estes indios selvagens são de estatura ordinaria, bem nutridos e com bôas feições; porém como se tingem por todo o corpo com o urucú, se fazem portanto artificiosamente horrendos. As mulheres praticam o mesmo, usando de muita missanga nas pernas, braços e a tiracolo.

As casas de sua habitação eram de palha, e não se lhes devisava nelas outras cousas mais do que os seus arcos e flechas, e a pobreza, no meio da qual vivem com muita satisfação e alegria.

22

De manhã partimos do dito lugar, e com feliz viagem chegámos pelas cinco horas da tarde à foz do Repunuri, que

Fevereiro, 14

Finalmente, depois de dez meses e meio desta diligencia tive o gosto ,ainda que reduzido à mirrada forma de um esqueleto, de chegar a esta cidade do Pará no dia 14 de fevereiro do presente ano, pelas oito horas da manhã, e então mesmo a honra de ir à presença do meu Ilm. e Exm. Sr. general, e a inestimavel satisfação, para mim a maior que pode haver, e a justa consolação de crer que ele se dignou de não desaprovar os meus passos, desculpando pela sua bengnidade toda a falta que o seu penetrante e iluminado espirito poderia descobrir nos de um súdito por terras estrangeiras que não tinha ainda pisado, e que são perigosas em todo o tempo, especialmente na conjunctura atual, e por nações diversas com quem nunca tratei; esforçando-me, quanto foi possivel, em conservar entre elas o decôro da minha, e em mostrar por toda parte o respeito, obediencia e fidelidade constante e bem provada de todos os portuguêses para com os seus augustos e legitimos soberanos.

Isto é o que eu mais pretendi, e o que atestando a retidão dos meus bons desejos, devem eles suprir e merecer-me desculpa para qualquer outra falta, e ainda mesmo para os deste Diario, que sendo sempre verdadeiro no que refere, podia contudo ser mais elegante se fosse escrito por outra mão, e aparecer mais brilhante, enriquecido de noticias uteis e observações curiosas na parte filosofica, historica, politica e moral. Mas a pouca ou nenhuma comodidade das canôas em que fui ,a falta de alguma outra pessôa em quem podesse descançar, e substituir a vigilancia e cuidado eletivo que me era preciso ter nelas e nos indios, e em toda a economia da viagem, pois que o soldado meu camarada não era para isto muito proprio; o continuo trabalho da mesma viagem, as aflições e grandes doenças de todos os companheiros, e a minha desde que cheguei à cidade de Paramaribo, e sempre daí por diante, e em todo o meu regresso até esta do Pará; e finalmente o pouco tempo que me restou, e que tive até agora para extrair dos meus apontamentos e arranjar este Diario, nos momentos intercalares da minha convalescença, ainda fraca, ou das mesmas sezões, que me tem aqui repetido algumas vezes, sendo preciso modicar-me neste espaço depois que cheguei; tudo isto, digo, me não permitiu uma produção mais perfeita, e até não pode examinar e descrever a altura dos lugares principais por onde passei, os seus climas, as diversas direções ou o rumo e curso dos rios mais consideraveis, as religiões, os costumes, os usos e o numero das nações gentilicas, que povôam as suas margens, e finalmente os produtos naturais ou mais raros que nelas ha. Conheço que tudo isto é preciso, ou concorre muito para se formar uma obra, que mereça neste genero algum louvor; mas eu me satisfaço com o de ter executado a comissão principal que se me deu; a minha milicia está consagrada às armas e não à pena ,e sei que a sincera obediencia, na opinião do maior sabio, vale mais que os sacrificios e as ofertas mais pomposas. — Pará, 29 de abril de 1799. — FRANCISCO JOSE' RODRIGUES BARATA, porta-bandeira da setima companhia do regimento da cidade.

COPIA

Para o doctor David Nassi e os mais da nação judaica portuguesa, residentes em Surinam.

Os portuguezes aprezados pelos francezes, e conduzidos a Surinam, logo que chegaram a Lisbôa poseram na real presença do Principe Nosso Senhor, por esta secretaria d'Estado, a noticia das incomparaveis beneficios que V. Mces. lhes fizeram, e dos soccorros que lhes prestaram, provendo-os de todo o necessario na suma indigencia em que elles se achavam, e intendo-os por fim transportar à sua custa até Lisbôa. Eu me acho encarregado por Sua Alteza Real de agradecer a V. Mces. no seu real nome esta tão nobre e generosa acção, praticada na conjunctura a mais propria para lhe augmentar o valor, e em que Sua Alteza viu com muito gosto uma prova da estimavel lembrança que a nação judaica portuguesa conserva da sua antiga patria. E seria tambem muito agradavel ao mesmo Senhor que V. Mces., os todos, ou alguns, quizessem voltar a estabelecer-se em Portugal, onde gosariam da maior segurança e tranquilidade, pois que nenhum daquelles motivos, que deram causa á sua expatriação, existem presentemente debaixo da regencia do augusto e illuminado Principe que nos governa.

Tendo cumprido ao que acaba de discrever as reaes ordens que recebi de Sua Alteza Real, só me resta alvorear a V. Mces. os meus bons officios em tudo aquillo em que os possa servir e dar-lhes gosto. — Deos guarde a V. Mces. Palacio de Queluz, em 11 de novembro de 1797. — D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO.

PARA A SECRETARIA D'ESTADO

N.º 336 — Ilmo. e Exmo. Sr. — A 14 de fevereiro chegou a esta cidade o porta-bandeira Francisco José Rodrigues Barata, de regresso da sua viagem a Surinam, trazendo para V. Excia. o saco incluso, e uma carta avulsa, que disse ser segunda via da que contem o saco, e houve por precaução para o caso que se alagasse nas cachoeiras.

A mim tambem foram escritas as cartas de que V. Excia. achará copia com esta: a primeira pelo governador general de Surinam, a quem não tinha escrito, o que supriu habilmente o porta-bandeira, alegando por escusa a de o não comprometer; a segunda de David Nassi, a quem somente escrevi de atenção para acompanhar a carta de V. Excia. A nenhum deles me proponho responder sem saber o que Sua Magestade determina, porque só pode haver comunicação procurando-se de proposito; devo porém dizer a respeito do governador o que me disse o porta-bandeira, e é que ele de sua generosidade é que prestou socorro aos portugueses, e os judeus muito pouco, pelo que se estimulará de que para estes houvesse reconhecimento, e não para ele. Tambem me diz o dito porta-bandeira que os judeus não mostram grande dificuldade em voltarem à patria de seus maiores, logo que vejam lei que lhes prometa segurança às suas vidas, bens, e exercicios de sua religião. Assegurou-me outrossim que naquela colonia ha o maior receio dos franceses pela perda dos escravos, e que os ingleses ou portugueses que ali fossem não achariam maior resistencia, sobre o que não ha muito que contar, quando tem bastante tropa e embarcações de guerra no porto.

O **Diario** deste porta-bandeira incluirei tambem nesta se estiver pronto, e devo lembrar o seu adiantamento, apesar de o ter lembrado na respectiva proposta, como Sua Magestade determinou. Os livros que me mandou David Nassi não os remeto, porque não contém cousa que eu julgue que V. Excia. ignore. — Deus guarde a V. Excia.. Pará, 1.º de abril de 1799. — Ilmo. e Exmo. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. — D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO.

(Extraido da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo VIII).

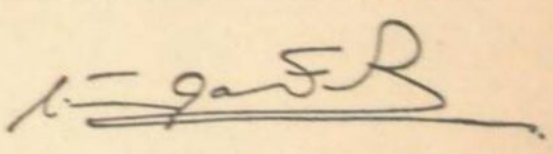
BARATA & SEU DIÁRIO

Nessas páginas, de um sabor tão penetrante, as observações são sempre as observações de quem caminhava de olhos bem abertos, vendo tudo quanto precisava ser visto, anotando quanto o interêsse do Estado exigia que fôsse perfeitamente anotado, apurando as circunstâncias físicas e humanas que o cercavam. Assim, as condições existenciais das populações dos centros urbanos das margens do Amazonas, Negro e Branco foram balanceadas serena e cuidadosamente. Aquêles índices gritantes da decadência que assaltava a Capitania do Rio Negro no distrito do próprio Rio Negro, os esforços que aqui e alí se observavam no sentido de vencer a agressividade ambiente, as culturas de cacau, que davam o fundo da paisagem econômica de todo o vale, a essa altura, os costumes de colonos e gentio, a colaboração dêsse mesmo gentio, seu retrato psicológico, tudo passa pelas linhas do DIÁRIO, sem nervosidades, antes com a meticulosidade e a serenidade do funcionário que promove um amplo inquérito, não do tipo das devassas políticas ou judiciárias que tanto inquietaram aquêles mesmos distritos por onde o diarista passava, mas do tipo do balanço que, anos antes, Alexandre Rodrigues Ferreira e Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio haviam efetuado para verificar as possibilidades regionais e de sua exata realidade. No DIÁRIO DA VIAGEM, seu autor, por outro lado, fixou flagrantes magníficos das duas colônias que teve oportunidade de visitar: Demerara e Surinam. A primeira, ocupada pelos inglêses e a segunda dirigida pelos holandeses.

O Porta-Bandeira Francisco José Rodrigues Barata era português. Filho de pais pobres, sem bens que lhe permitissem boa situação material, emigrara para o Brasil ainda na verdura dos anos. Chegado a Belém com a preocupação de "suprir a falta de bens" "pela aplicação aos estudos", conseguiu freqüentar as aulas de gramática latina, retórica e filosofia, que então constituíam os elementos fundamentais da preparação cultural da mocidade nas terras amazônicas depois da retirada dos Jesuítas e do fechamento dos estabelecimentos de ensino que as outras Ordens Religiosas tinham mantido sob geral alegria dos colonos.

... E apresentou-se ao Corpo de Auxiliares, fardando-se e armando-se a própria custa. Do corpo de Auxiliares, passou, pouco depois, para a 4ª Companhia do Regimento da Cidade. Promovido sucessivamente, por serviços outros que foi prestando em Cametá, Macapá, Santarém, em janeiro de 1821, vamos encontrá-lo como Coronel comandante do 2º Regimento de Infantaria de Linha da Cidade.

Homem de inteligência, militar brioso, sertanista da mesma têmpera de muitos reinóis que serviram a pátria na hinterlândia amazônica, homem de Estado, nos postos de administração pública que serviu, portou-se, conduziu-se com coragem, verticalidade, consciência exata de suas obrigações.



CORRESPONDÊNCIA

De Euclides a Rangel
De Rangel a Capistrano

Rio, 25-4-907.

Meu caro Alberto Rangel, - Aí vai o exemplar de teu belíssimo livro - que ainda hei de reler aí, em tua casa, para destacar vários trechos. - Vou fazer o prefácio sem constrangimento, e sem precisar do estímulo de uma amizade antiga. Encantou-me o Inferno. "Teima da vida" é um rude e maravilhoso poema. - Hei de mostrar que naqueles capítulos há uma síntese dos aspectos predominantes da existência amazônica. - Não me abalancei a emendas. Acho-te admirável naquelas rebeldias de expressão, que a princípio me alarmaram. - Até breve. - Abraço-te - Euclides.

Rio, 27-8-907.

Rangel, - desejo-te felicidades. - Aí vai o prefácio. O teu livro merecia um outro, mais brilhante. Mas irá bem acompanhado pela palavra rudemente sincera de um amigo. - Agora um grande favor: quero que revejas muito cuidadosamente o que escrevi. A letra exagerei-a de propósito para evitar êsses terríveis erros tipográficos que tanto nos magoam; confio na tua revisão carinhosa. - Não sei se alteraste o trecho do Inferno Verde que extratei. Neste caso, modifique-se o extrato para que saia como estiver no livro. - Adeus. Manda-me dizer, se puderes, a tua impressão acêrca daquelas linhas precipitadas. - Recomendações a tua boa Mãe. Um abraço do - Euclides.

Rio, 10-12-907.

Alberto Rangel, - aqui estou a invejar-te a existência deliciosa - tão diferente da minha triste agitação de servo amarrado pelas linhas geográficas à gleba dos papeis de uma secretaria. Que os deuses propícios te prolonguem os dias de felicidade... - Recebo sempre os teus cartões postais, gentilíssimos e breves, e tão sinceramente admirativos ante os encantos do velho mundo. Mas penso, com tristeza, que êles te estejam apagando na alma a lembrança da nossa rude e formosíssima terra. Precisas reagir, contra a feitiçaria da Velha tôda ataviada de primores - e que, afinal, não vale a nossa Pátria tão cheia de robusta e esplêndida virgindade. E tenho a esperança que em breve te enjoem essas velharias enganadoras... e não mais te deslumbrará êsse relíssimo Mônaco, que por si só empesta uma civilização inteira. Que estranheza, meu querido amigo, não estarás sentindo, ao escutar a magnífica sinceridade de nossa robusta alma brasileira, ante o papaguear dos trogloditas cultos que aí andam! Mas escrevo-te como a um irmão mais moço. - Estive, há dias, pela primeira vez, na casa do Cavalcanti - e lá vi os trechos de tua carta em que te referes a vários lances do meu prefácio. Tive imenso prazer verificando que êle te agradou. Quando surgirá afinal o "Inferno Verde"? Espero-o todos os dias. Tenho já três críticos a postos, de penas perfiladas, prontas à primeira voz. - No teu último cartão referes-te à palavra "comunhão" a propósito da Maibi, supondo que deve ser "creatura". É comunhão mesmo. Generalizei a tua idéia. A Mulher torturada - é a Terra torturada. Apenas, esta palavra "comunhão" é medonha. Peço-te que substituas: "comunidade" ou "sociedade"; o que fôr melhor conforme a música do período que não tenho presente porque não tirei cópia. - Adeus. Muitas recomendações a todos. Aqui fica cheio de saudades esperando o livro magnífico, o teu - velho colega e admirador - Euclides da Cunha.

P.S. - Sei que acrescentaste mais algum capítulo: Piritas. Deves num posfácio prometer o reverso do quadro: o livro antítese do "Inferno", em que se considere, otimistamente, a nossa prodigiosa Amazônia.

- in "Euclydes da Cunha a seus amigos", de Venâncio Filho

Eu, 19 de junho de 1927.

Meu amigo e mestre Capistrano, o João Tudo da minha admiração bem aplicada,

Será o P.C. cousa inglêsa ou francesa? Não me disse na cartinha de sua recomendação. Em Londres percorri o Welling's Press Guide, *e, em matéria de nome de gazeta expresso no enigma das maiúsculas, só encontrei P. M.* (Popular Magazine), *periódico nascido em 1925, das cinzas de outro magazine.*

Quanto à Marquesa, *ainda no trabalho de raspar-lhe as excrescências, mas até o fim do ano a biralha irá de novo à estampa, para pagar tôda pena de levantar-lhe as saias. Dou também a última demão a um tomo de ensaios, no qual entrará, para encher linguiça, a Missão do Stuart e outros retalhos.* Papelejos do meu Arcaz. *A novela bandeirística* Fura-mundo *concluí-la-ei nos reinos de Plutão, para onde já me sacodem sopradelas de mau parte no fole da gaita cardíaca.* Os Papéis Pintados (Diálogos – Carta e Fragmentos) *serão o canto do cisne dêste jereba de rasteiros vôos. E, por falar-lhe dêsses produtos cá da fábrica, lá vai o meu morgado comungar quinta-feira próxima. O meu brasileirismo leva-me às cangas do catolicismo ecumênico. Não compreendo patrício missa-sêca, nem clamando por Maomé.*

Adianta-se o pirralho no Latim e no Alemão, tendo deixado o Inglês para mais tarde, a fim de verificar se êle com efeito será língua de Shakespeare ou colcha de retalhos austro-canado-zelando-norte-americana. V., com o seu horror do gálico patois, *não se lembra que também o filoxera da dialetagem ataca também as raízes da língua do* Business *e do* Goddam.

E o nosso extremoso Martim na outra banda do Letes! Nesse luto, penduro, à moda antiga, à minha porta, um ramo de cipreste. Imagino-o, à barca do plácido Caronte, recusando apresentar-lhe o óbolo da viagem, com a frase sibilina com que rompeu em Santos um cordão policial: Sou da Regência! *Bom Martim! na caverna da Eternidade não há morcegos nem muriçocas que lhe tirem o sono.*

Saudades, meu Capistrano de sempre; para o ano quero-quero lá ir. Hoje faço vinte anos de Maria à ilharga. Neste dia de festa das Cadeias, mando, com tôda a tribo euense, um abraço acipoado do seu devoto fiel

A. R. (*)

(*) - *Alberto Rangel (1871 -1945).*

pauta

ROSÁRIO DO SUL

8 de agôsto de 1960 - Ilmº Sr. Diretor do Serviço de Divulgação da S.P.V.E.A. - Avenida Franklin Roosevelt nº 39, sala 812 - Rio de Janeiro - Estado da Guanabara. Sr. Diretor. Estamos, os professôres de Geografia do Ginásio Estadual Plácido de Castro, trabalhando para a organização de uma sala de Geografia. Lutamos, porém, com uma falta absoluta de material. Por isto, solicitamos a V.S. a fineza de nos remeter folhetos e livros referentes a êsse Instituto. Agradecemos a V.S. a preciosa colaboração para a formação de nossa mocidade estudantil, e subscrevêmo-nos respeitosamente. (a) Luiz Carlos Alberto Perrot - Gino Antonio Lorenzoni - Ginásio Estadual Plácido de Castro - Rua Andradas s/n - Rosário do Sul - Rio Grande do Sul.

CAMPINAS

18 de outubro de 1960 - Prezado Sr. Clóvis Barbosa. A finalidade da presente é, antes de mais nada, solicitar de V.S., se possível, que me envie informações acêrca da Amazônia. Encontrei, em "A GAZETA", de S.Paulo, notícia a respeito da possibilidade de obtenção dessas informações, razão pela qual tomei a atitude de escrever-lhe a presente carta. Sou aluno do "Curso de História e Geografia" da Universidade de Campinas e muito me satisfaria receber informações detalhadas a respeito de nossa vasta Amazônia. Precário é o material de que dispõe a minha Escola a êsse respeito. Sendo só, no momento, e na espectativa de ser atendido no meu pedido, antecipadamente agradeço, etc. (a) Honório de Sousa Carneiro. Rua José Paulino, 1605 - Campinas - SP.

SÃO PAULO

23 de outubro de 1960 -Serviço de Documentação S.P.V.E.A. - Estado da Guanabara - Saudações cordiais. O abaixo assinado, professor, autor da série didática de Geografia publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, dirige-se a V.V. S.S. com o fim de obter as publicações-Coleção Araújo Lima, Coleção Pedro Teixeira, Coleção Clássicos Amazônicos, ou outras e que sejam de interêsse para a "Geografia do Brasil", empenhado que está em trabalho efetivo para atualização e, quem sabe, renovação de nossa geografia. Aguarda ser atendido, dentro do possível, merecendo resposta esta, porquanto poderão V.V. S.S. verificar que o envio de material terá realmente utilidade e para melhor conhecimento da região amazônica que teve a sorte de visitar em 1956 e da qual guarda grata recordação. Com os agradecimentos antecipados, subscreve-se atenciosamente (a) Moisés Gicovate - Rua Sen. Paulo Egídio, 72 - 12º and. sala 1203 - São Paulo - Estado de São Paulo.

NATAL

4 de julho de 1960. Sr. Diretor da Representação da S.P.V.E.A. - Rio, Estado da Guanabara. Prezado Senhor: Com a presente venho comunicar-lhe que, mantendo no "Diário de Natal" (Associados) uma coluna literária, intitulada "Diário de Letras", aos sábados publico um suplemento. Peço a V.S., para me remeter, se fôr possível, as publicações sôbre problemas econômicos e sócio-culturais da região Amazônica, que a S.P.V.E.A. está divulgando, do que tomo conhecimento por intermédio de Valdemar Cavalcanti, crítico literário de "O Jornal". Levo ainda ao conhecimento de V.S. que ficarei sempre às suas ordens para dar ampla cobertura às divulgações culturais dêsse orgão. Sem mais, firmo-me (a) Afonso L. Ramos - Praça Augusto Severo, 109 - Natal - Rio Grande do Norte.

MANAUS

29 de setembro de 1960 - ARMAS DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS - Prof. Clóvis Barbosa - Serviço de Documentação (Agência da S.P.V.E.A. no Rio de Janeiro) Av. Franklin Roosevelt, 39 - sala 814 - Estado da Guanabara - Prezado Clóvis Barbosa: Votos de felicidades. Você sabe como eu tenho acompanhado com interêsse crescente o trabalho de divulgação das atividades da S.P.V.E.A., orientado por sua capacidade. Realmente não se trata já de apenas uma coletânea de pequenas monografias que justificassem os processos de propaganda de uma entidade, mas precisamente um processo de propaganda da Amazônia em todos os seus ângulos, motivada pela existência da organização que você orienta. Com a melhor amizade, (a) Mário Ypiranga Monteiro - Rua Ramos Ferreira, 664 (à praça da Saudade) Manaus - Amazonas.

MOÇAMBIQUE

Vila Pery, 3 de agôsto de 1960 - Ilmo. Senhor Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - Av. Franklin Roosevelt, 39, salas 809/812 - Rio de Janeiro - Prezado Sr. Dr. Bouhid: Recebi recentemente os números 1 e 2 dos "CADERNOS BELÉM-BRASÍLIA", os números 8, 9 e 10 da "COL. ARAÚJO LIMA", os números 1 e 2 da "COL. PEDRO TEIXEIRA" e ainda as publicações "Cidadão Benemérito de Manaus" e "Amazônia, uma conquista de nosso tempo" pelo que apresento a V. Exa. os meus agradecimentos. Será possível enviar-me os restantes números integrados nas três coleções acima mencionadas e ainda os que fazem parte da série "UFANISTAS DA AMAZÔNIA"? Agradeço também, além disso, que se digne indicar-me as publicações que foram utilizadas nas quatro disciplinas do CURSO DE PLANEJAMENTO e a maneira de as poder obter. Sem outro assunto de momento, é com cumprimentos da mais elevada consideração que me subscrevo de V. Exa., muito atentamente, (a) Ruy de Figueiredo Ribeiro - Engenheiro Agrônomo - Caixa Postal 91 - VILA PERY - Moçambique - África Oriental Portuguêsa.

ÍNDICE

Monografias impressas e distribuídas pela SPVEA 2
Livros do pernambucano e amazonólogo A.R., até 1934, quando publicou "Rumos e Perspectivas" 4
A SACIA DO MAR-DOCE (conferência) 7/20
O estafêta do mar doce (capítulo de "Quando o Brasil Amanhecia" - A.R.) 22/34
O bandeirante - IN "Diário da Viagem ao Surinam" 37/38
Cartas de Euclides da Cunha a Rangel 39
Carta de Rangel a Capistrano 40
A Amazônia na simpatia intelectual de estudantes, professôres, jornalistas, entidades ilustres, etc. 41/43
Plantão 44

ILUSTRAÇÕES

Região costeira da foz do Amazonas 6
Boiúna - desenho de Solon Botelho 34
Roteiro da Viagem do porta-bandeira Rodrigues Barata 35

Na contra-capa: "chatinha", navio funcional, com roda à popa, comum na navegação do Alto-Amazonas.

Gdynia, em 9 de novembro de 1960

Serviço de Divulgação da
Representação da S.P.V.E.A.
Av.Franklin Roosevelt,39-8a.
Rio de Janeiro.

Senhor Diretor,

Tenho o prazer de acusar recebimento das quatro publicações do Serviço de Divulgação da S.P.V.E.A.sôbre os trabalhos de valorização da Amazônia. Li atentamente as informações que contêm e permito-me, ao agradecer a Vossa Senhoria a atenção dessa remessa, solicitar o especial obsequio de favorecer a Biblioteca deste Consulado com o maior número possível das publicações já editadas, bem como incluir esta Repartição na lista de endereços para próximas edições.

2. Tenho mantido contato com um representante diplomático polonês, profundo conhecedor e especialista em assuntos da Amazônia que encarecidamente me solicitou favorecer-lhe a consulta destes trabalhos. Assim, pois, me parece de grande oportunidade pudessemos atender a essa solicitação e prontifico-me, desde já, a encaminhar-lhe as duplicatas que pudessem ser confiadas a este Consulado.

Aproveito a oportunidade para apresentar os protestos da minha perfeita estima e consideração com que me subscrevo

de Vossa Senhoria

Michael Joseph Corbett

(Michael Joseph Corbett)
Vice-Cônsul, Encarregado
do Consulado

CONSELHO NACIONAL DE ECONÔMIA

ARMAS DA REPÚBLICA - SDD/122 - 8 de fevereiro de 1960 - Senhor Waldir Bouhid - Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - Tenho a satisfação de acusar o recebimento das publicações "AMAZONIA & DESENVOLVIMENTO", "ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÉ", e "INTÊRPRETES DA AMAZÔNIA", que Vossa Senhoria houve por bem enviar a êste órgão. Ao fazê-lo muito agradeço a gentileza da referida oferta que constituirá, sem dúvida, precioso repositório de informações para os técnicos do nosso Departamento Econômico. Aproveito o ensejo para apresentar-lhe os protestos da minha perfeita estima e consideração. (a) Luiz Gonzaga Leobons - Diretor do Serviço de Documentação e Divulgação do Conselho Nacional de Economia.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

ARMAS DA REPÚBLICA - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Secretaria Geral - DG/g-30 - 8 de março de 1960 - Senhor Diretor: Tenho a satisfação de me dirigir a V.Sª. solicitando nos sejam fornecidas, dessa Instituição, publicações da coleção ARAÚJO LIMA e PEDRO TEIXEIRA, as quais são de grande utilidade para os trabalhos geográficos desta Divisão. - Características Agrárias da Amazônia - Newton P. Azevedo - O Problema de Colonização da Amazônia - Adriano Menezes - A Expansão Portuguêsa na Amazônia nos Séculos XVII e XVIII - Arthur Cezar F. Reis - Rio Purus - Euclides da Cunha. Antecipando os meus agradecimentos a atenção que venha a dispensar, apresento-lhe os protestos de minha estima e distinta consideração . (a) Antonio Teixeira Guerra - Diretor da Divisão de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Ao Sr. Clòvis Barbosa - DD. Diretor do Serviço de Documentação da S.P.V.E.A. - Rua Franklin Roosevelt, 39 - 8º andar.

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

Nº 422 - 6 de abril de 1960 - Exmº Senhor Waldir Bouhid - Ilustre Superintendente da S.P.V.E.A. - A Sociedade de Geografia de Lisboa recebeu um exemplar das publicações da SPVEA, abaixo mencionadas, que V.Exª. se dignou oferecer à Biblioteca desta Sociedade. Em nome da Direção, cumpro o grato dever de apresentar a V.Exª. os nossos agradecimentos pela gentileza da oferta, que muito apreciámos. Com os meus cumprimentos, digne-se V.Exª. aceitar o testemunho do nosso maior aprêço. (a) Dr. Júlio Gonçalves - Secretário Geral da Sociedade de Geografia de Lisboa (ª) "AMAZÔNIA & DESENVOLVIMENTO" - "AMAZÔNIA: - UMA CONQUISTA DE NOSSO TEMPO" - "ARTIGOS DE JORNAL" - "ESTRADA DE FERRO MADEIRA-MAMORÊ" - "INTÊRPRETES (OS) DA AMAZÔNIA".

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

ARMAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA - 20/4/1960 - Exmº Senhor Dr. Waldir Bouhid. Rio de Janeiro (Brasil). O SECRETÁRIO GERAL DA ACADEMIA agradece a oferta das obras que V. Exª. se dignou oferecer a Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

EMBAIXADA DA ALEMANHA

Nº 116 - 3 de maio de 1960 - Ilmº Sr. Dr. Waldir Bouhid - Superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia - Av. Franklin Roosevelt, 39 - Prezado Senhor : Foi com crescente interêsse que lêmos o opúsculo "AMAZÔNIA & DESENVOLVIMENTO", que divulga uma palestra pronunciada por V.Sa. e que teve a gentileza de nos enviar. Agradou-nos a forma clara e franca com que foram expostos os problemas que enfrenta o homem brasileiro em uma vasta região, ainda não desenvolvida, mas, sem dúvida, promissora. Estamos seguros de que, se foi objetivo da palestra avivar o interêsse das magníficas elites brasileiras para a Amazônia, êste fim será plenamente atingido. Quanto a nós - estrangeiros e com permanência a prazo nêste maravilhoso Brasil - agradecemos, particularmente, a oportunidade que nos ensejou V.Sa. de, tão bem, sermos informados sôbre aspectos da conjuntura do país. Desejamos ainda deixar marcada a nossa favorável apreciação sôbre as COLEÇÕES "ARAÚJO LIMA" e "PEDRO TEIXEIRA", das quais V.Sa. nos enviou duas publicações. Realmente nos parece uma utilíssima obra de divulgação cultural, esta que está fazendo a Superintendência. Fazendo votos que ela frutifique e se torne cada vez mais conhecida e proveitosa aos brasileiros, subscrevemo-nos - muito cordial e atenciosamente (a) Ernst Ludwig Von Ostermann - Encarregado de Negócios de Botschaft der Bundesrepublik Deutschland - Embaixada da República Federal da Alemanha - Caixa Postal 64. RIO DE JANEIRO.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM